

Não brinco mais: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional

ROCHA, Maria Sílvia P. de M. L. da. Ijuí: Editora Unijuí, 2000

*Renata Sieiro Fernandes**

O livro de Maria Sílvia é fruto de sua dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Educação, Unicamp, junto ao departamento de Psicologia Educacional. A autora tem formação e atua profissionalmente nessa área, lecionando e supervisionando seus alunos de 3º grau, no trabalho prático com a realidade da escola pública. Seu foco de interesse centra-se nos estudos sobre a atividade lúdica do brincar, focalizada sob o ponto de vista da psicologia histórico-cultural, e baseada nos pensamentos de seus representantes e fundadores: Vygotsky, Luria e Leontiev, que desenvolveram seus estudos na sociedade comunista da extinta URSS.

O texto apresentado é muitíssimo bem escrito, de fácil leitura apesar do uso freqüente de termos próprios da psicologia, ao mesmo tempo em que se mantém denso nas discussões entre a proposta teórica assumida e suas relações com a realidade e vice-versa.

É composto de cinco capítulos sendo que os dois primeiros retomam e discutem a matriz teórica que serve de referência para as análises e interpretações da autora que vêm a seguir, nos capítulos quarto e quinto. Na fronteira dessas duas discussões, no capítulo três, são apresentadas as características do estudo de campo, as opções metodológicas feitas, suas contribuições e limites de alcance. Ao final, aparecem as considerações finais, nas quais a autora reexamina a teoria assumida a partir dos dados que compuseram sua pesquisa e aponta duas inconsistências desse referencial (a primeira relacionada ao papel da palavra, que necessita ser mais e melhor explorado na interpretação do jogo simbólico, e a segunda relacionada ao declínio do jogo de faz de conta que, antes de se mostrar como uma tendência natural, necessita incorporar as influências de elementos históricos e culturais).

Sua bibliografia baseia-se principalmente em autores que elaboram trabalhos sob a óptica da psicologia histórico-cultural aqui no Brasil, assim como nas principais obras dos três autores-fundadores de tal corrente. Para dialogar com a pedagogia, traz outros autores e autoras bastante conhecidos por suas pesquisas importantes e relevantes sobre o cotidiano da educação infantil, dirigida às crianças de zero a seis anos, como: Ana Lúcia Goulart de Faria, Gisela França, Lenira Haddad, Maria Malta Campos, Sônia Kramer, Zilma Oliveira e outros.

* Doutoranda da FE – Unicamp e pesquisadora do Centro de Memória – Unicamp

A leitura começa com o texto pondo-nos no papel de “testemunhas oculares” das mudanças ocorridas na configuração do homem como ser social e cultural. O olhar correndo sobre as palavras nos leva a relembrarmos-nos de nossa origem e, portanto, de nossa história, ao percebermos os caminhos que nos levaram até onde estamos hoje. Nos faz pensar e nos darmos conta de como é que aprendemos e de como proporcionamos e intervimos – de forma intencional ou não – no processo de aprendizagem do outro, através do exercício de diferentes papéis sociais. Somos todos aprendizes e educadores, sejamos crianças, adultos ou velhos, pois o conhecimento só se dá na relação.

As vozes de outros ecoam na fala da autora. Outras vezes ela traz a fala dos próprios através de citações, que ao retomarem o assunto nos familiariza com ele pouco a pouco.

As páginas passam e sentimo-nos olhando para nossa própria infância, como se estivéssemos em cima do telhado da casa, em um corpo de adulto. Vemo-nos a nós mesmos ao mesmo tempo em que personalizamos os exemplos mostrados generalizadamente. É reconfortante olhar para a infância pelos caminhos que a autora nos leva e nos reconhecermos nela. Quando fazíamos – ou vemos as crianças fazerem – de um pedaço de pau, muito mais do que isso. Quando brincávamos de “fazer de conta que”, como sabem bem fazer os poetas: “antes a gente falava: faz de conta que este sapo é pedra. E o sapo eras. Faz de conta que o menino é tatu. E o menino eras um tatu” (Manoel de Barros¹).

Não que não possamos, já adultos, fazer mais isso, mas é que passamos a fazer de outro jeito: “a gente agora parou de fazer comunhão de pessoas com bicho, de entes com coisas. A gente hoje faz imagens. Tipo assim: encostado na Porta da Tarde estava um caramujo. Estavas um caramujo – disse o menino. Porque a Tarde é oca e não pode ter porta. A porta eras. Então é tudo faz de conta como antes?” (Manoel de Barros).

Avançando na leitura, o próximo assunto a ser abordado é, especificamente, o do brincar e sua origem cultural, ou seja, a história das ações sobre os objetos e a progressiva relação com o imaginário, que é a base para o aparecimento do faz de conta. Nesse ponto, de novo mergulhamos no re-conhecimento de nós próprios como seres capazes de consumir e produzir cultura. A autora apresenta o papel do brincar no desenvolvimento pessoal ao lado da idéia da ação do brincar como atitude transgressora, pois permite extrapolar os limites apresentados pelo real, pela porta do imaginário.

Três idéias interessantes acerca do assunto podem ser extraídas do todo que compõe o texto: a do brincar como uma prática necessariamente aprendida, mediada pela linguagem e pela relação com o outro; a do imaginário como consequência do brincar e não como condição prévia para a ocorrência desse; e a da sequencialização evolutiva do jogo de faz de conta para o jogo de regras.

O contexto da pesquisa refere-se a uma turma de pré, com crianças provindas das camadas populares, frequentadoras de uma instituição de educação infantil localizada na cidade de Campinas/SP, ao longo do ano de 1992. Tal escola foi

1. Esse poema de Manoel de Barros chama-se Eras e encontra-se em O Fazedor de Amanhecer, RJ: editora Salamandra, 2001.

apontada pela coordenadoria da rede municipal de educação como sendo de caráter inovador, representando o que havia de mais avançado em termos pedagógicos naquele momento. Essa motivação da autora de escolher uma prática considerada de boa qualidade merece ser enfatizada já que mostra o desejo de observar “o que está dando certo” e não reforçar o discurso negativo sobre a escola, buscando, *a priori*, suas ineficiências.

O foco do olhar era a observação das ocorrências de brincadeiras que aconteciam nesse espaço, fazendo-se usos dos equipamentos disponíveis na área livre da escola, dentro da sala, dos brinquedos levados pelas próprias crianças e desenvolvidas por iniciativa dessas ou da professora, bem como suas formas de participação.

Sentindo a necessidade de ficar o mais próximo possível dessas ocorrências, Maria Silvia optou pelo registro de imagens do cotidiano, através da gravação em vídeo, o que lhe permitiu, posteriormente, a identificação e descrição de detalhes da atividade de brincar e das interações entre crianças-crianças e crianças-professora.

São apresentados e discutidos 21 episódios extraídos de um montante de 21 fitas de vídeo com duração de duas horas cada. Cinco deles referem-se aos jogos de regras e os demais referem-se aos jogos de faz de conta.

Da leitura deles, fica uma sensação desagradável em virtude da tensão sempre presente entre o desejo das crianças pela esfera do imaginário e a preocupação da professora pelo seguimento da regra. Quando esta não pode ser garantida, a professora ausenta-se, demonstrando que o jogo pelo jogo não tem tanto valor em si, pelo menos dentro do universo da escola. O jogo de faz de conta é sempre censurado e, com isso, por um discurso velado, demonstra um desconhecimento, por parte do adulto, da validade, da necessidade e da importância no trato com o imaginário. O jogo de regras, por ater-se mais ao real, em contraste com o jogo de faz de conta que atém-se mais ao fantasioso, é mais fortemente enfatizado pois combina com a forma como a escola se estrutura e funciona para promover a aprendizagem.

Surpreende, ao final, que as crianças ainda queiram brincar! A preocupação em didatizar a brincadeira, que permeia, quase sempre, a interação da professora com a criança, acaba por desmanchar a esfera lúdica, como uma bola de sabão que estoura ao encontrar a ponta da agulha. Como se brincar e aprender fossem atividades com perfis antagônicos!

Termina-se o livro e volta-se ao título adotado: “não brinco mais”, uma expressão vinda da criança e que, ao não empregar, graficamente, nenhuma pontuação, permite pelo menos três interpretações: um “não brinco mais” zangado, quando a própria criança se ausenta da brincadeira por frustrar-se com algo, mas que não indica uma afirmativa eterna, um ponto final, mas pelo contrário, mostra um sentimento momentâneo, uma vírgula, que logo a seguir pode traduzir-se em uma nova entrada na brincadeira; um “não brinco mais” que mostra um desinteresse por essa ação, fruto da atenção voltada para outras esferas, como o trabalho, por exemplo; e um “não brinco mais” seguido de pontos de exclamação, como uma denúncia pelo fato de estarem impedindo ou “roubando” seu tempo e seu

espaço para brincar. Combina com o conteúdo do livro essa última expressão, revelando ao mesmo tempo uma denúncia vinda da voz da criança, um alerta aos adultos-educadores, principalmente aos profissionais que atuam dentro e fora da escola. É um pedido de socorro.

O livro de Maria Silvia ainda faz mais; faz pensar no que está ocorrendo nos espaços educativos em geral e, mais especificamente na escola. Se esse panorama que a autora apresenta já aparece na pré-escola, o que podemos imaginar que está acontecendo com as crianças do 1º grau e com suas reais possibilidades de brincar – com regras e com o faz de conta?